

Entrevista com Mia Couto*

Em recente visita ao sul da Bahia para participar do V Seminário de Literaturas Lusófonas, o moçambicano Mia Couto, um dos mais proeminentes nomes das literaturas de expressão¹ portuguesa e membro correspondente da Academia Brasileira de Letras, falou sobre sua atividade - é também um biólogo apaixonado -, sobre o Brasil e a África e sobre certa tendência dos estudiosos de sua obra poética e ficcional: “Fico triste quando se olha para minha escrita como qualquer coisa que seja uma brincadeira em nível dos vocábulos”, pois é admirador confesso do nosso Guimarães Rosa, a quem se assemelha no trabalho de recriação estética da Língua Portuguesa.

Marcelo² - Como um Biólogo vai para a Literatura? E que relação pode haver entre Biologia e Literatura?

Mia Couto - *Eu não fui para a Literatura; na realidade, eu já estava mais menos nela; já escrevia quando comecei na Biologia. Eu fui descobrindo que havia uma certa complementaridade entre aquilo que é a Biologia e a Literatura. A Biologia me interessa quando deixa escapar algo que não seja exatamente científico. É uma Ciência de experimentação...*

Marcelo – E de observação...

Mia Couto - *Sim, no sentido de aprendizagem de novas linguagens. Quando olhas para uma planta, tens que aprender de certa maneira uma outra linguagem para conseguires estabelecer alguma comunicação com aquele outro ser. Então a Biologia não é, para mim, conhecer, classificar ou ordenar. Ela me interessa por que fico mais próximo de um certo caos, e isso já é Literatura.*

* O escritor Antônio Emílio Leite Couto, mais conhecido por Mia Couto, nasceu em 5 de Julho de 1955, em Beira, Moçambique. Atualmente é o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior, tendo recebido inúmeros e importantes prêmios em âmbito nacional e internacional. Esta entrevista foi realizada na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA, em 1999, e publicada apenas em versão impressa da revista *Litterata* no ano 2000. Assim, ao comemorarmos os 20 anos desta publicação, consideramos que republicar esta entrevista em versão digital é um presente a todas as pessoas que prestigiam o periódico.

¹ Atualmente, não se usa mais essa designação, considerando que as literaturas africanas em língua portuguesa não são de “expressão” portuguesa – no caso de Mia Couto, sua obra é a expressão moçambicana de uma literatura escrita em português.

² Marcelo da Silva Araújo Santos, então estudante de Letras da UESC. A matéria foi revisada, na época, pela Profa. Dra. Jane Kátia Voisin.

Marcelo - E isso o auxilia no processo de criação literária.

Mia Couto - *Exatamente. É um alimento. A Biologia que faço está mais próxima da Ecologia - um trabalho de campo, com pessoas, com camponeses. Nesses contatos que faço surgem muitas estórias.*

Marcelo - Então antes da Biologia você já havia escrito?

Mia Couto - *Já, já havia publicado um livro de poesias. Naquela época fazia sobretudo poesia. Depois comecei a escrever contos. Em 1971, estava cursando Medicina, mas também estava ligado à luta pela independência do meu país e acabei deixando de lado aquele projeto pessoal para abraçar a causa nacional. Em 1975, recomecei os estudos universitários em Biologia, e aí já escrevia contos.*

Marcelo – Em uma entrevista recente, você afirmou que não teria problema nenhum com o fato de deixar de ser escritor; e que não se considerava um escritor profissional. Qual é a sua relação com a escrita?

Mia Couto – *Eu não tenho uma relação vital com a escrita, tenho uma relação vital com a criação, como espaço de liberdade para inventar, e nesse sentido eu tenho quase que um vício. Mas isso eu posso ter com a música, com o teatro ou mesmo com o exercício de minha profissão, Biologia, onde tenho grande abertura para criar. Faço Biologia quase que como uma arte, não como ciência.*

Marcelo - A Biologia lhe traz recompensa afetivamente tanto quanto a Literatura?

Mia Couto - *Talvez a Literatura mexa mais profundamente comigo, ela vai mais fundo, vai buscar as coisas de infância. Mas a Biologia também me convoca todo, eu não sou um Biólogo só de profissão, eu gosto... eu amo o que faço.*

Marcelo – Você recebeu recentemente o Prêmio Vergílio Ferreira, em Portugal, onde é muito popular. Também faz parte da Academia Brasileira de Letras e seus livros são agora editados no Brasil pela Nova Fronteira. Suas obras são traduzidas em diversas línguas europeias, portanto, é

bastante reconhecido fora de Moçambique. Mas no seu país, onde mais da metade da população não tem o português como língua veicular, qual a recompensa afetiva que o Mia Couto pode ter?

Mia Couto – *Minha Literatura atua nos centros urbanos, nas comunidades que falam português, havendo aí uma relação gratificante. Eu não posso me sentir um autor que vê na sua Pátria uma madrasta, que só é considerado fora do país. Eu recebi por duas vezes o prêmio nacional de Literatura, recebi o prêmio de consagração nacional, e este ano fui eleito ‘Personalidade do ano’’. Enfim, vejo que há uma reciprocidade naquilo que eu amo e é minha imagem do país, enquanto esta nação me devolve com sentido de gratificação.*

Marcelo - Em alguns países da comunidade lusófona³, a língua portuguesa não é falada cotidianamente, como, por exemplo, em Cabo Verde, onde nosso idioma funciona apenas como passaporte para se transitar nos outros países da comunidade, sendo a comunicação interna feita basicamente nas línguas nativas. Não lhe parece estranho que a língua funcione dessa forma?

Mia Couto – *Isso é um processo histórico que tem uma temporalidade muito extensa. A colonização portuguesa foi muito efêmera. Essa colonização abrangeu pequenos núcleos desses países, só que esses grupos, pequenos do ponto de vista demográfico, são muito importantes politicamente. Penso que o futuro joga a favor da Língua Portuguesa nesses países, no sentido de que é uma língua franca e com que podem comunicar-se entre si. Não sou pessimista em relação ao futuro da Língua Portuguesa, mas, também não vejo, como em alguns setores políticos de Portugal, um certo drama que um desses países adote uma outra língua. Se isso corresponder à realidade cultural, e se isso realiza melhor o projeto de nação, por que não?*

Marcelo - Em **Terra sonâmbula** há toda uma descrição de uma paisagem de fome e miséria, e sinais da guerra em Moçambique. Se aquele menino, o Muidinga, refizesse hoje o trajeto descrito no romance, qual seria a paisagem e que sinais do pós-guerra ele retrataria?

³ O termo “lusófona” para designar a comunidade de países que têm a Língua Portuguesa como oficial é, atualmente, muito questionado, pois o prefixo “luso” remete ao passado colonial lusitano. Ao contrário dos prefixos “anglo”, para as comunidades anglófonas, e “franco”, para as comunidades francófonas, por exemplo, o termo luso liga-se diretamente a Portugal, e não ao idioma português.

Mia Couto - *Bem, os sinais da guerra já não existem mais. Por dentro as pessoas ainda estão marcadas, mas os sinais mais aparentes já não existem. O quadro social é quase que o mesmo. Alguns problemas foram resolvidos, mas, no quadro mais profundo, infelizmente, o cenário não é muito diferente.*

Marcelo - Até que ponto o olhar daquele menino é o olhar do Mia Couto?

Mia Couto - *É muito meu olhar no sentido em que aquele menino está procurando uma nação que ainda não há. Está à procura de algo que ele próprio inventou também. Ele está a fazer uma viagem à procura de sua própria identidade. Nessa busca pela identidade do país, ele está procurando sua própria identidade, e isso é muito minha condição.*

Marcelo - Como o Mia Couto vê o Brasil? E nossa ligação com África?

Mia Couto - *Eu amo muito aquilo que conheço do Brasil. Existe aqui uma obra de mestiçagem cultura que não pode ser reduzida. O Brasil soube acomodar várias influências, e a influência africana é muito presente. Agora, acho que o Brasil tem uma certa ignorância do que seja a África. Mesmo naqueles setores mais ligados à cultura africana existe uma certa mistificação, uma visão folclórica daquilo que seja África.*

Marcelo - Uma espécie de visão colonial...

Mia Couto - *Sim, tem-se visão muito simples da África: todos falam uma língua que seria o yorubá, tem uma religião muito parecida com candomblé etc., e esta é uma África, lógico que com uma dinâmica diferente. Existem outras Áfricas. A África tem direito à mesma vivacidade que tem a Europa e as Américas. Não se pode pronunciar África no singular, existem Áfricas diferentes.*

Marcelo - **Vinte e zinco** é seu mais recente romance, e integra uma coleção de títulos que tem por intuito comemorar o 25º aniversário do 25 de Abril. Que relação há entre o 25 de abril, data festiva em Portugal, e o 25 de junho em seu país? E por que “vinte e zinco”?

Mia Couto - *Existe uma ideia eurocêntrica de que o 25 de abril, revolta de Estado que acabou com o fascismo em Portugal, é a data fundadora de nossa própria liberdade. E é um pouco ao inverso. Foram as lutas de libertação que fizeram cair o regime colonial, obviamente também o povo português foi elemento fundamental para derrubar o regime salazarista. Foi uma luta conjunta. Ao dizer vinte e cinco, estou a dizer que esta ainda não é a nossa data, a data que marca nossa história é o nosso 25 de junho.*

Marcelo - Algumas pessoas te denominam de “brincalhão vocabular”; o Mia Couto gosta da expressão “brincalhão vocabular”?

Mia Couto - *Não, não gosto nada. Fico até um pouco triste quando olham para minha escrita como qualquer coisa que seja simplesmente uma brincadeira ao nível dos vocábulos, ao nível estético. O que quero é que a escrita sirva de instrumento para mostrar um mundo que só pode ser expresso pela transgressão vocabular.*